

**REFLEXÕES SOBRE A EMPATIA DOCENTE COMO ESTRATÉGIA  
PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR<sup>1</sup>**MACHADO, B. A. B. <sup>1</sup>, MARTINS, C. S. L.<sup>2</sup><sup>1</sup> Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) – Bagé – RS – Brasil –

balvesmachado56@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) – Bagé – RS – Brasil – claudeteslm@gmail.com**RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise crítico-reflexiva a respeito da importância da empatia docente como estratégia pedagógica para quebra de barreiras pedagógicas, atitudinais e físicas no contexto de uma escola pública estadual localizada no município de Candiota (RS). Para tanto, realizamos uma pesquisa exploratória, utilizando dados coletados com três professores que aceitaram participar da investigação. Para produção de dados utilizamos dois instrumentos: questionários (com questões abertas e fechadas, manuscrito pelos participantes) e entrevistas semiestruturadas realizadas em âmbito escolar (gravadas por meio da captura de áudio, e posteriormente transcritas) entre setembro e outubro de 2019. Em nossa análise, empregamos a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009). Como resultados, verificamos que os dados analisados apontam a presença de episódios empáticos para com alunos com deficiência, o que contribuiu na quebra de barreiras através de elaboração de material didático adaptado e inclusão dos alunos com deficiência em atividades de sala de aula. Concluímos que a empatia docente pode quebrar barreiras pedagógicas e atitudinais, constituindo-se em fator preponderante para o processo de ensino e aprendizagem de alunos com deficiência, embora ocorram situações em que há presença de empatia seletiva dos professores para com os alunos que apresentam alguma deficiência em relação a estudantes que não apresentam deficiência.

Palavras-chave: Empatia, inclusão escolar, barreiras.

**1 INTRODUÇÃO**

Comumente compreendida como a “capacidade de se colocar no lugar do outro”<sup>2</sup>, a empatia é cada vez mais debatida em discursos relacionados às relações sociais. Um tema complexo, que é discutido e avaliado também em contexto escolar (FEITOZA, 2007; CAMARGO; VEDOVE, 2008; BROLEZZI, 2015 entre outros).

---

<sup>1</sup> Resumo expandido da investigação intitulada “A empatia na relação professor/aluno: um estudo sobre as barreiras à aprendizagem em contexto escolar”, monografia de conclusão do Curso de Pós-Graduação Educação e Diversidade Cultural, da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), a ser concluída em dezembro de 2019.

<sup>2</sup> Definição nossa.

Tendo em vista o que foi explanado acima, este trabalho tem como tema a empatia docente no processo de inclusão escolar (FREIRE, 2008).

A coleta e análise dos dados foi realizada entre setembro e outubro de 2019, tendo como objetivo apresentar uma análise crítico-reflexiva a respeito da importância da empatia docente como estratégia pedagógica para quebra de barreiras pedagógicas, atitudinais e físicas em contexto de uma escola pública estadual localizada no município de Candiota (RS).

Este trabalho justifica-se pela ausência de investigações acerca da temática da empatia em contexto educacional de inclusão escolar<sup>3</sup>, além de contribuir para o desenvolvimento da pesquisa científica e para a promoção da educação inclusiva.

## **2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)**

Trata-se de uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa (MINAYO, 2002), de natureza básica (SILVEIRA, 2009) e objetivos vinculados à pesquisa é exploratória. (GIL, 2007 apud. SILVEIRA, 2009) realizada entre setembro e outubro de 2019.

Quanto à abordagem procedimental, esta investigação é uma pesquisa de campo (FONSECA, 2002 apud. SILVEIRA, 2009), cujo o contexto de investigação é uma escola pública estadual oriunda do município de Candiota (RS). A escola oferece ensino fundamental, ensino médio regular e ensino médio (EJA).

Nossos sujeitos são três professores (duas participantes do sexo feminino e um participante do sexo masculino) oriundos do contexto explanado acima.

Como instrumentos de coleta de dados utilizamos um questionário e entrevistas semiestruturas, gravadas por meio da captura de áudio. Vale ressaltar que, para preservar a identidade dos professores participantes, utilizamos pseudônimos, bem como foi obrigatório a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido para iniciar a coleta de dados.

Após a coleta, analisamos os dados através da Análise de Conteúdo, de Bardin (2009), sendo utilizados como categorias de análise: empatia na quebra de barreiras pedagógicas, de barreiras atitudinais e barreiras físicas e/ou arquitetônicas.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

---

<sup>3</sup> Questão descoberta na revisão de literatura da investigação.

Antes de apresentar os resultados, iremos falar brevemente as definições teóricas de nossas três categorias *a priori*: empatia na quebra de barreiras pedagógicas, de barreiras atitudinais e barreiras físicas e/ou arquitetônicas.

Neste trabalho, adotamos a definição de barreiras pedagógicas como a exclusão de “metodologia para a adequação das aulas ministradas pelo professor” (MENDONÇA, 2013, p. 12).

As barreiras atitudinais, por sua vez, são conceituadas como a exclusão de um indivíduo com deficiência baseando-se na crença que essa pessoa é “deficiente, incapaz ou inválida” (TAVARES, 2013. p. 22).

Por fim, de acordo com o trabalho de EMMEL e CASTRO (2003), definimos as barreiras físicas ou arquitetônicas como barreiras físicas que impossibilitam um aprendente de participar e construir conhecimento em razão de sua deficiência.

Através dos dados coletados, podemos verificar que duas das categorias *a priori* citadas acima (barreiras pedagógicas e barreiras atitudinais) das três existentes que vislumbramos antes da coleta de dados (barreiras pedagógicas, barreiras atitudinais e barreiras pedagógicas) estão presentes nos discursos orais e escritos dos professores entrevistados.

Em relação às barreiras pedagógicas, os professores citam, majoritariamente em seus discursos, que não conseguiam “dar conta” de acolher todos os alunos quando tinham alunos com deficiência em sala de aula (“*eu preparava uma aula especial pra ela [aluna cega]. Tentava adaptar e tal, aí não conseguia atender o resto da turma.*”) (PROFESSOR 1, entrevista, 2019). Contudo, quando o professor refletiu sobre sua prática pedagógica, de forma empática, percebeu que deveria elaborar material que fosse flexível a todos os alunos, não só para sua aluna com deficiência, e isto colaboraria ainda mais para a quebra da barreira pedagógica vinculada ao planejamento acessível.

Em relação à barreira pedagógica também, os professores apontam que tinham suporte e apoio escolar para desenvolverem material didático adaptado e flexível aos alunos que trabalhavam, porém acreditavam que não conseguiam realizar a produção de material inclusivo em razão de sua formação enquanto alunos de graduação, afirmando que não cursaram componentes curriculares que os prepararam para a elaboração de material didático inclusivo a todos bem como “*saber como lidar*” (PROFESSOR 2, entrevista, 2019) com possíveis alunos inclusos. Porém, quando refletiu a respeito de forma empática, percebeu que a produção de

material didático inclusivo a todos é algo que contribui para o processo de ensino e aprendizagem.

Os professores entrevistados também demonstraram sentimentos contraditórios em relação aos alunos com deficiência que tem ou já tiveram, afirmando sentirem “*medo*”, “*afeto*”, além da já citada “*percepção de despreparo em sua formação acadêmica*” ao descobrirem que teriam alunos com algum tipo de deficiência em sua sala de aula, porém também demonstraram positivamente se sentirem desafiados a “repensar” sua prática com o objetivo de alcançarem o objetivo de ensinar, o que contribuiu para a quebra das barreiras atitudinais de medo e superproteção.

Em relação à empatia, foram encontrados episódios empáticos nos dados dos três professores investigados, com destaque ainda para a empatia seletiva destinada aos alunos com deficiência em detrimento dos alunos considerados pelos professores como “normais” e que, em razão disso, “*não querem nada com nada*” (PROFESSOR 2, entrevista, 2019) ou “*só estão de corpo presente na escola*” (PROFESSOR 2, entrevista, 2019), o que evidenciou atitudes excludentes (VEIGA NETO, 2005) e reflexões acerca da inclusão de alunos que não possuem deficiência e são excluídos por professores, denunciando barreiras atitudinais de superestimação (TAVARES, 2013).

#### **4 CONCLUSÃO**

Em conclusão, a partir da pesquisa realizada, apontamos que a empatia docente pode quebrar barreiras pedagógicas e atitudinais, constituindo-se em fator preponderante para o processo de ensino aprendizagem de alunos com deficiência. Porém, de acordo com os dados analisados, apontamos que a empatia na relação professor e aluno com deficiência pode também ocorrer de forma “seletiva”, isto é, o professor se mostra empático com o aluno deficiente e demonstra ausência de empatia com o restante do grupo, gerando atitudes excludentes, e excluindo o restante do grupo ao tentar incluir um sujeito de seu grupo.

Todos os sujeitos de pesquisa citam também que sentem despreparados para lidar com alunos deficientes, apontando que a ausência de componentes referentes à educação inclusiva no período de graduação. Além disso, mencionam também que a falta de aprofundamento teórico e prático durante e após a graduação os compromete diariamente em suas práticas docentes, gerando sentimentos como

“pavor” e “apreensão” quando descobrem que terão alunos com algum tipo de deficiência ou “diferente”.

Quanto à empatia na quebra de barreiras pedagógicas, percebemos que há indícios de quebra dessas barreiras em razão da empatia. Quanto à empatia na quebra de barreiras atitudinais, percebemos, nos dados, que esta pode ser um fator preponderante para a quebra de barreiras atitudinais.

Portanto, concluímos que a empatia pode ser uma estratégia importante e eficaz para quebra de barreiras pedagógicas e atitudinais, contribuindo assim, para o processo de inclusão plena dos alunos com deficiência.

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. (2009), *Análise de Conteúdo*, Lisboa: LDA, 70ª ed.
- BROLEZZI, A. C. (2015). Empatia na relação aluno/professor/conhecimento. Encontro: Revista de Psicologia, v. 17, n. 27.
- CAMARGO, R; VEDOVE, J. (2008) A influência da empatia na relação tutor-aluno. Facinter:Revista Intersaberes. p. 155 a 165.
- CÓRDOVA, F. P; SILVEIRA, D. T. (2009). A pesquisa científica. In: GERHARDT, T; SILVEIRA, D. T. (Org.). *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 31-42.
- EMMEL, M. L. G; CASTRO, C. (2003) Barreiras arquitetônicas no campus universitário: o caso da UFSCAR. In: MARQUEZINI, M. C. et al. (Org.). *Educação física, atividades lúdicas e acessibilidade de pessoas com necessidades especiais*. Londrina: UEL, p.177-183.
- FEITOZA, L. A; CORNELSEN, J. M; VALENTE, S. M. P. (2007), Representação do bom professor na perspectiva dos alunos de arquivologia. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 12, n. 2.
- FREIRE, S. (2008), Um olhar sobre a inclusão. *Revista de Educação*, p. 5-20.
- MENDONÇA. A. A. S. (2013) Escola inclusiva: barreiras e desafios. In: ANAIS DO ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO E CONGRESSO INTERNACIONAL DE TRABALHO DOCENTE E PROCESSOS EDUCATIVOS 2013, Uberaba: UNIUBE, p. 4-16.
- MINAYO, M. C. S. (Org). (2002) *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.
- VEIGA NETO, A. (2005) Quando a inclusão pode ser uma forma de exclusão. In A. M. M.Machado, A. J. Veiga Neto, M. M. B. J. Neves, M. V. O. Silva, R. G. Prieto, W. Ranña, & E. Abenhaim. *Psicologia e direitos humanos: educação inclusiva, direitos humanos na escola* (pp. 55-70). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.